

## A burra Joaquina o viajante, a mãe e a filha

A Amélia emprenhou! Gritavam pela aldeia a bons pulmões duas mulheres mal casadas dando a notícia como se de um terramoto se tratasse... a mãe da Amélia, uma mulher viúva e meia paralítica, com os ombros encolhidos metia a cabeça dentro do xaile escondida de vergonha e com medo do futuro da filha que acabara de fazer 16 anos de idade no dia da Senhora das Candeias, exatamente no dia 2 de Fevereiro...

Na primeira notícia a mãe não se incomodou pensando que um estudante de quem a filha gostava e que usava camisa de terylene era o responsável pelo acontecido. Mas quando a Ti Carlota soube do *autor* de tão bárbaro ato chorou como se a estivessem a esventrar aos bocadinhos...e de cabeça levantada vociferava espumando de raiva e dor:” Foi o malvado cigano do circo... o domador das feras que se apropriou da inocência da minha Amélia...” Continuando o rosário de protestos e blasfémias a Ti Carlota rebojava-se no chão, embrulhada no xaile ao mesmo tempo que lhe saíam das entranhas sons engrossados pelo acumular de um ódio visceral e incontrollável...

Nesse mesmo dia ninguém conseguiu demover a Ti Carlota que deitada no chão deambulava de um lado para o outro...Já noite dentro, alguém assustado pelas palavras demoníacas da criatura dizia que já andavam espíritos de noite e que o ar começava a ficar irrespirável. Uma outra mulher vestida de negro e de semblante carregado proferia palavras acutilantes e proféticas: - Pressinto que as doenças vão atacar as bestas... - Ao mesmo tempo que o dizia, já algumas mulas andavam espantadas com as patas traseiras bem levantadas escoucinhando a vacuidade dos ares.

A filha foi junto da mãe tentando afagá-la no seu rosto sofrido e desfigurado. Olhava a progenitora e esta tinha já os punhos apertados contra a boca, tentando o sufoco da libertação, o golpe de misericórdia e a compaixão da Senhora das Candeias...

A filha sentia agora mais o vexame da vergonha pedindo à mãe em gritos lancinantes o seu perdão e o seu último e derradeiro amor...

Neste tão insólito e triste quadro aparece um humilde viajante da noite, uma silhueta de gente tocando a sua gaita de beijos... Em cima da sua proeminente burra ele ia repetindo em voz de general: - anda Joaquina, arre, arre Joaquina. – O homem deixa-se conduzir pela besta e esta marcha certinha ao ritmo do tocadador da gaita. Ao chegar junto da Ti Carlota e da filha Amélia, a burra simplesmente para, estaca, não quer andar como que a dizer que tem sentimentos e coração.

O homem obedece à burra e desmonta devagar. Tira do bolso a onça e as mortalhas, depois de um olhar furtivo para as duas mulheres agarradas uma à outra e puxa uma

fumaça consolado, cuspiendo de imediato para o chão. Este estranho viajante era um exímio tocador de viola e não largava nunca o instrumento. Meditou um pouco e passou à ação. Encostando-se junto da mãe e da filha ajeita-se e toca lindos e poderosos sons, enquanto canta um inspirado poema: - Quando a minha viola toco, quando canto, não penso nunca no mundo, nem em quem de mim fala, ou me faz mal. E assim eu toco, eu canto em pizzicato deambulando em ornamentadas nostalgias, sons prenhes de afetos, poderosos, lembrando as minhas velhas memórias... - Mãe e filha começam a despertar pela força do poema... e o viajante ganha força e entusiasmo e continua: - Quando toco ou canto, eu não penso em nada nem ninguém, eu me transcendo e encanto e não penso em amante ou mulher se me gaba ou abomina... - Neste momento já as duas estão de pé como que hipnotizadas olhando para o artista, que apercebendo-se do milagre já consumado arrebatava um último sopro: - Quando toco ou canto, o meu espírito busca melhores ares, melhores dias...é isto oratória? É isto poesia?

Era comovente olhar agora a luz da felicidade naquelas 4 personagens: a burra Joaquina o viajante, a mãe Carlota e a filha Amélia...